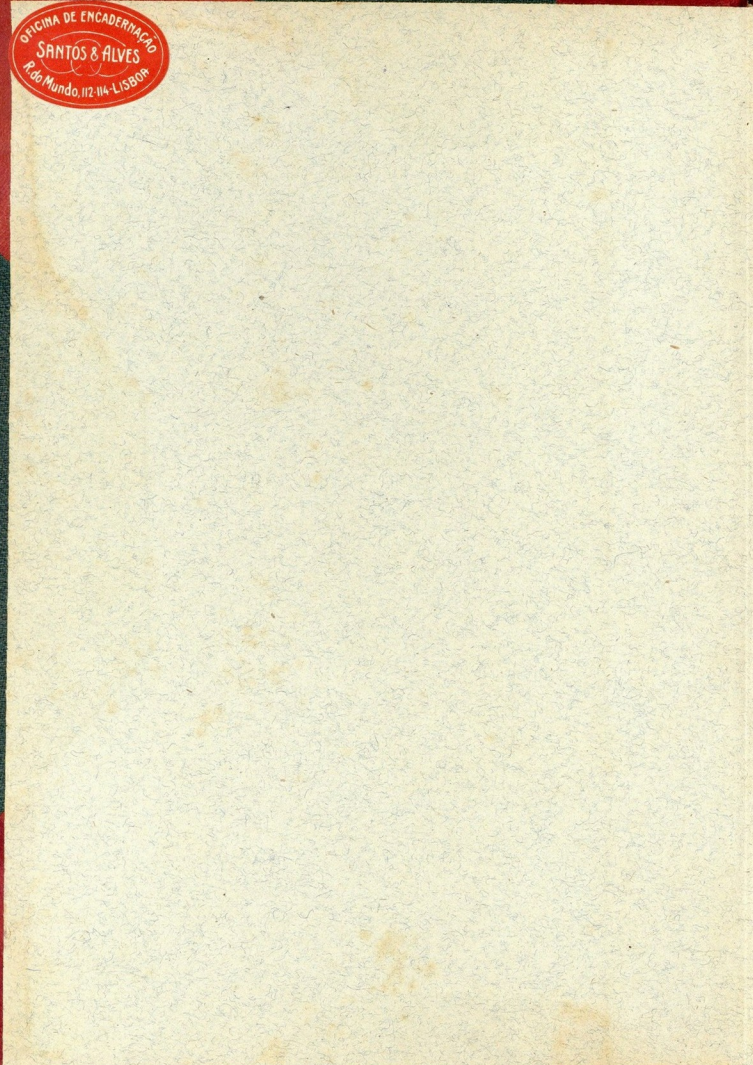


LISBOA CRECHE

OTECA

- 67

M.R.B.P.









Reg 362

DE V. GONZALEZ ZURRO
Y CA. GUEDES



Lisboa Creche

JORNAL MINIATURA
OFFERECIDO EM BENEFICIO DAS CRECHES

A SUA Magestade a Rainha a Senhora Dona Maria II

Por *Ant. Louzã* Editor

Director Artistico

Raymond Bonfante Penfance

Numero Unico

Director Literario

Kaverdal Cunha

ANNO 1884 LISBOA 17-18-19 DE MAIO



LISBOA-CRÈCHE

Director artistico: Raphael Bordallo Pinheiro

Director litterario: Xavier da Cunha

COLLABORADORES ARTISTICOS

D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro — Alfredo R. Gameiro — Augusto Machado
Columbano Bordallo Pinheiro
H. Casanova — Luigi Manini — Manuel de Macedo

COLLABORADORES LITTERARIOS

D. Esther da Cunha Bellem — D. Guiomar Torrezão — A. M. da Cunha Bellem
A. M. da Cunha e Sá — D. Antonio da Costa
Antonio Ennes — Augusto Ribeiro — Brito Aranha — C. M. Fereal
Camillo Castello Branco — Christovão Ayres
Domingos Ennes — Duarte d'Oliveira, Junior — E. Barros Lobo — Eduardo A. Vidal
F. Gomes d'Amorim — F. Julio Borges — Fernandes Costa
Fernando Caldeira — Fernando Palha — Fernando de Vilhena — Ferreira Lobo
Francisco da Fonseca Benevides — Francisco Palha
Francisco Serra — Freitas Jacome — Gervasio Lobato — Greenfield de Mello
Guilherme Ennes — Guilhermino Augusto de Barros
Henrique Lopes de Mendonça — Ignacio da Silva — J. A. Ferro
J. C. Rodrigues da Costa — J. F. Garcia Diniz — J. T. de Sousa Martins
J. Curry da Camara Cabral — J. Gualberto Soares — J. d'Oliveira Ramos
João d'Andrade Córvo — J. Pinheiro Chagas — Jayme Victor
João Chrisostomo Melicio — João de Mendonça
João Tedeschi — Joaquim dos Anjos — José Antonio de Freitas
Julio Cesar Machado — Luiz Augusto Palmeirim
Luiz Guimarães — Luiz Jardim — Luiz Quirino Chaves — M. d'Oliveira Ramos
M. Pinheiro Chagas — Manuel Bento de Sousa — Manuel M. Rodrigues
Mimoso Ruiz — Moura Cabral — Oliveira Mattos
Pedro Videira — Ramalho Ortigão — Raphael d'Almeida — Ribeiro Gonçalves
Salomão Saragga — Thomaz de Carvalho — Tito Augusto de Carvalho
Ulpio Veiga — Urbano de Castro
Virgilio Machado — Visconde de Benalcanfor — Visconde de Castilho (Antonio)
Visconde de Castilho (Julio)
Visconde de Ouguella — Xavier de Carvalho

COLLABORADORES INDUSTRIAES

Ilustrações a cores: — Justino Guedes, lithographo

Parte typographica: — O editor

Cantiga

Andantino

Aug. Machado

Rep. n.º 7587

A KERMESSÉ

A *Kermesse*.—festa essencialmente flamenga, mas que tambem n'outros paizes do norte se encontra vulgarizadissima.—começou na sua simplicidade primitiva por ser apenas uma «festa de igreja»: a propria palavra o está denunciando na sua derivação (*kerk*, igreja,— e *misse*, missa). E' como se dissessemos:—uma igreja a celebrar a festividade do seu orago.

Depois, como complemento da festa religiosa, intraram accessorios de festa popular: danças, jogos publicos, procissões espectaculosas, barracas de feira, tavolagens e casas de comida, recitas improvisadas, fantoches, momices de saltimbancos, musicas e descantes, e muito folguedo, e muita alegria, e muita cordialidade, e muita confraternidade. Um arraial omnimodo!

D'est'arte os elementos accessorios acabaram por dominar e mesmo absorver o que no principio fôra elemento principal, se não exclusivo. Hoje n'uma kermesse hollandeza a festa religiosa constitue apenas um simples episodio da grande festividade popular. O que prepondera sobretudo é o sentimento da nacionalidade a reverdecer allí periodicamente no respeitoso culto das suas velhas tradições.

Kerkmisselhe chamam os hollandezes; *Kirchmesse*, os allemães. *Kermesse* lhe chamamos nós em portuguez, adoptando a lição franceza do vocabulo. Mas a palavra ficará já agora nacionalizada, como nacionalizada ficará a festa e para todo o sempre relembraça com o mais indelevel reconhecimento, desde que a Rainha de Portugal resolven, em nome das *crèches* que tão desveladamente protege, implantar entre os arvoredos da sua régia residencia este fraternal convívio de todas as classes do seu povo, em prol de pobres creancinhas que ora desabrocham á luz da vida.

Herdeira das tradições gentilissimas que inloram a Casa de Saboya, a Princeza italiana que veio entre nós compartilhar o solio da dynastia de Bragança, offerece-nos uma brilhante renovação dos piedosos

exemplos com que nos fastos da caridade ficou inscripto o nome da sua virtuosa conterranea D. Mafalda, esposa do primeiro rei portuguez.

Similhante áquella Beatrice ideal que

dentro una nuvola di fiori

abre ao poeta da *Divina Commedia* as portas do Paraíso e lhe desvenda os mysteriosos esplendores do *Empyreo*, a Rainha de Portugal, verdadeira flor entre as flores, verdadeira rosa entre as rosas, descerra, ante os olhos de um povo que a estremece, os thesouros deslumbrantes do seu coração; e, ante as creancinhas que ampara, assignala em tracos aureos nas paginas da Historia o significativo epitheto com que esse mesmo povo a acclama — *O Anjo da Beneficencia*.

N'esse brado entusiastico de devoção fervorosa toma respeitosamente parte, e faz côro com todo o nosso paiz, a

Redacção da Lisboa-Crèche.

A CRÈCHE

A *crèche*.— um tepido ninho Tado formado d'amor! Onde as meigas creancinhas Revivem ao seu calor!

E' como um ceu constellado D'essas estrellas formosas! Onde sorriem os anjos! Onde florescem as rosas!

Geitha Lisboa-Crèche

Estremece de jubilo n'esta hora a alma das arvoredos da Tapada, como se nos troncos d'ellas estivessem suspensas as creancinhas para que a seiva do arvoredos as vivifique, o orvalho do Ceu as conserve, os passarinhos lhes fallem a trinarrem e a brisa as embale, enquanto a piedade vigilante se surri para ellas...

John C. M. Aguiar

Nunca se elevam tanto os grandes e os poderosos, como quando se curvam para ampararem a infancia e a velhice desprotegidas.

João Baptista de Sousa

Em quanto os homens, com estudos e calculos, se dão a descobertas, muitas d'ellas inúteis e não poucas prejudiciaes; resolvem as senhoras, pela sciencia do coração, o problema mais util e mais verdadeiro—que dos prazeres da vida o maior é fazer bem.—

Albino

Corazzi:—Dás 200 lettras, queres um artigo. Obra difficil com as lettras que eu tinha, impossivel com as que me dás. Medico, desejo nas *crèches*—entre tantos bens— a saude; e, n'este desejo, afogo a profissão. Ai! os collegas... devo justificar-me... faltam-me as lettras... vês?!

João Carlos

Ora até que finalmente com bom senso houve um jornal! Não deixa espoljar-se a gente, e dá nectar excellenté pelo fundo d'um dedal.

Corazzi

Em redor de um berço de criança ao desamparo tudo são trevas.

Desponta a *Crèche*: muda-se a noite em aurora gorgçada de passarinhos, rescendendo fragancias.

Esse Eden da infancia desvalida brotou—a um sorriso da Rainha—do sópro divino do amor.

Visconde de Resende

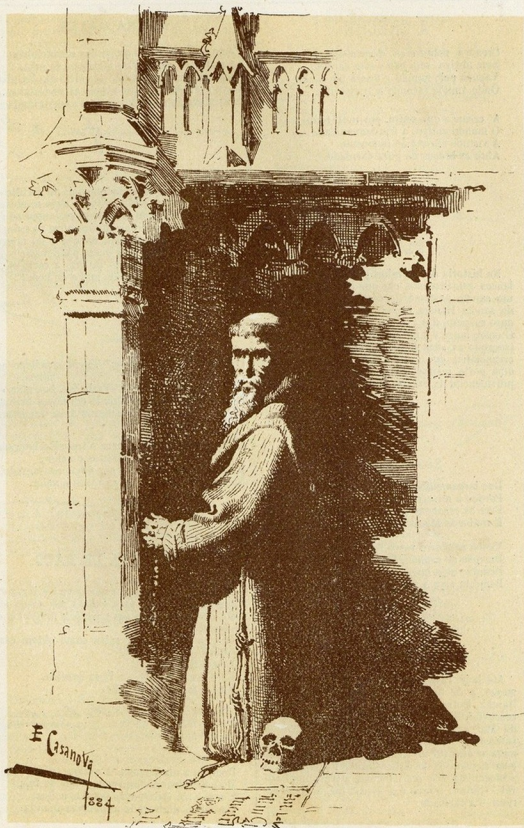
Para alegrar corações nada ha como o sorriso das creanças; pois para dar saude aos campos o que ha melhor que o perfume das rosas?

João Baptista de Sousa

LISBOA-CRÈCHE



PAIZAGEM — Desenho original de MANOEL DE MACEDO



O FRADE -- Desenho original de H. CASANOVA

A CRÈCHE

Creança, pobre e só, desprotegida,
Sem abrigo, sem pão e sem carinho,
Vagüêa pelo mundo e busca um ninho
Onde tímida esconda a triste vida.

A' creança que sofre, era indif'rente
O mundo antigo, a fria humanidade...
A virtude christã ao innocente
Abre os braços da pura caridade.

João de Deus

FLORES

Na historia das Rainhas portuguezas, ha dois lances gentilissimos em que entram flores com um sancto perfume de caridade. Um lance é o da sancta Rainha Izabel, mostrando a El-Rei o ouro suspeito das esmolas convertido em flores. O outro lance é o da virtuosa Rainha Maria Pia, trocando as suas flores por ouro, para o dar ás creancinhas que entram na vida desflorida por uma porta insilveirada de espinhos, que a mão providencial da excelsa Princeza vai cortando.

Camille de Almeida

SURSUM CORDA

Dae largamente a piedosa esmola:
Porque a miseria é que assassina as mães,
Fêre as creanças que o luar consola
E rouba ás almas luminosos bens.

Venho saudar o vosso feito santo:
Dar pão ao orphão, luz á creancinha.
Bemdito seja quem enxuga o pranto!
Bemditada seja a vossa acção, Rainha!

Raimundo de Carvalho

As duas Kermesses

Até hoje Lisboa nunca viu senão uma Kermesse, a de Gounod. Hoje vae ver outra, a da Rainha. Entre ellas, porém, ha uma differença essencial. Na de S. Carlos predomina o espirito do Mal encarnado no personagem sinistro do sarcastico Mephistopheles, na da Tapada predomina o espirito do Bem encarnado no personagem risonho da formosa Rainha: n'aquella, o protagonista é a eterna treva, a treva implacavel — Satan; n'esta é a eterna luz, a luz uber-rima — a caridade.

Francisco de Sá

REGINA MATER

Como nos deu Jesus no rir das creancinhas
Lencol para enxugar as lagrimas de mãe,
Tambem nos deu em vós — modelo das Rainhas,
Esse segredo bom que alegra as andorinhas,
E ás mamans e aos Bebês força a sorrir tambem!

Francis de Sá

Póde ser que a nossa essencia se occulte de todo na sombra, póde ser que haja só abismo sem haver luz, póde ser que se ame uma só vez e que não haja amores eternos além da campã, póde ser que o dualismo do céu e do inferno seja tudo mentira; mas quem póde negar o dogma de uma instituição divina, a caridade, a affirmação do dualismo do mal e do bem!?

S. Ramos

O amor disse á mulher: «Darás conchego aos filhos;»
Diz a pobreza ao amor: «Trabalha, boa mãe.»
E a caridade então, fulgindo em novos brilhos,
A crêche faz surgir, — materno amor tambem.

E' livre a pobre assim para o trabalho honrado;
A prole já tem ninho, affectos e calor;
A crêche é um sacrario, aos filhos consagrado,
No templo maternal de caridade e amor.

Antonio de Almeida

ESPERTEZA DE RATO

Na exposição de Rosas que deve ter logar em maio, ha um premio para a Rosa que ainda não tenha sido apresentada nas exposições hortícolas de Portugal.

Ora, a leitora quer saber como obtem esse premio?

E' facilimo.
Exponha a Rosa... a Rosa nautica.
Porto, 6 d'abril de 1884.

S. de Almeida

Rompeu a madrugada. A aurora rubicunda
Do leito festival desprende a flor da luz;
E a flor, ao espargir as petalas a flux,
Em ondas d'alvorada a natureza inunda.

Porto.

Alf. de Almeida

As creancinhas que a vossa beneficencia, a virginal maternidade do coração, agasalha nas *crêches*, supplicam-vos, Senhoras, que as não orphanéis da meiga protecção quando amanhã a miseria as escravizar ao trabalho da fabrica, que atrophia o corpo, ou as alugar á mendicidade, que desmoralisa a alma. Guie a vossa bendita caridade a justiça do Estado!

Antonio Gomes

Parece ás vezes que, ao romper a senda
Nas trevas da existencia a sombra errante,
Fulge no ádito a fatal legenda
Que em estranhas visões sonhou o Dante.

Mas da Piedade a virginal figura,
Que tem do amor materno a graça austera,
Ao que chega entre lagrimas, murmura
Com sorriso ineffavel: *crê e espera!*

Joa. Tedesco

As densissimas trevas dos tempos medievas
dissiparam-se perante a deslumbrante aurora
da Renascença. O que o homem muitas vezes jul-
ga ser a corrupção, o virus do contagio e da
morte, é isso mesmo que, no labor incessante e
maravilhoso da natureza, prepara luminosas
transformações, que nos conturbam e assom-
bram.

Vicente de Aguilera

Tem do lyrio a pureza e a magestade,
Da violeta os perfumes e a candura;
Ampara o pobre, o naufrago, a orphanidade;
Tem da esmeralda o brilho e a formosura.

O seu nome é dulcissimo — Maria —
Na dor consolo e luz na escuridade;
Este norte que as almas tristes guia,
E' o anjo, a Rainha, a caridade!

Francisco Jesus

CHRONICA:— Ha quinze dias que o meu filho
é morto;— que são mortos os meus amores, os
meus orgulhos, as minhas energias,— todo o
meu ser. E reflecto a espaços, em guarda contra
o desespero:

—E' necessario, é necessario não pensar
mais n'elle. . . .—

Mas,— Deus meu! — eu não poria o meu fi-
lho fóra do meu lar, e hei-de,— ferocidade su-
prema,— pôl-o fóra do meu pensamento! . . .

J. C. Belmonte

(Beldemonio)

A Sua Magestade a Rainha

SENHORA DONA MARIA PIA

Houve já entre nós uma princesa
Que em pefumadas rosas transformava
As occultas esmolas, em que dava
Alentos á miserima pobresa.

Vós, Senhora, seguindo-lhe o exemplo
Se não fazeis das rosas o milagre,
Conseguis que á virtude se consagre
Em cada coração modesto templo.

Luiz Augusto de Almeida

A CRÊCHE

A crêche, a doce e querida inspiração, sugge-
rida de certo á cabeceira de um berço, no divino
sacratio de uma alma de mãe, nascida da ini-
ciativa d'este seculo que baniu o sentimento e
decretou o egoismo, lembra-me a nymphaea,
abrindo a sua urna de prata, de uma *alfura* im-
maculada, na face livida do paul.

Guilherme de Vasconcelos

SINITE PARVULOS . . .

Dos labios infantís candida e pura
Desliza-se a verdade como neve.
Assim diz o Evangelho e Deus prescreve
Que as creanças tratemos com ternura.

Pois Jesus, que é dos debeis e franzinos
Lume consolador, eterna chamma,
Quando os grandes humilha, logo clama:
•Oh! deixae vir a mim os pequeninos. •

Joa. de Aguilera

A oração é o maior alivio do homem na terra.
São infelizes todos os que não sabem ou não po-
dem orar! Quando a desgraça nos bate á porta,
quando a Providencia nos fere com uma d'essas
grandes calamidades, que opprimem e abatem
os mais fortes, a nossa alma sente-se animada
ao voltar-se para o ceu, esperando de lá o reme-
dio para as suas dores! E' pela oração que o
homem se eleva da terra ao ceu; é pela oração
que o homem conversa com Deus!

J. de Aguilera

LISBOA-CRÈCHE



A TARANTÉLLA

As nove horas da noite, no terraço do hotel *Tramontano*, em parte escurado pelos grandes plátanos, em parte iluminado pelos raios da lua, surgiu a *tarantélla*.

Era de duas figuras: seis homens e seis mulheres, trajando à maneira dos pescadores napolitanos, de *Schouta*. Elles, de barrete vermelho, camicia branca e colete verde com seus botões amarellos, desapercebidos; ellas, de saia listosa, avental branco, jaqueta vermelha apaloiada. Todos, de cintas de côco. Eram os rapazes, solertes, bem postos e vaidosos. As raparigas, dengosas, mas compostas nos trajos e nas maneiras. Executadas nas sembras do arvoredo, junto ao parapetto do alto, velhos músicos desalobravam a *tarantélla* em notas harmoniosas, que inclivavam os passos alegres da dança. A lua tingia de branco os dois grandes arcos do palario *Tramontano*: e as quatro columnas da casa de Cornelia, a irmã do Tasso, pareciam revesir a gravidade attenta do quem escuta.

A dança popular dos napolitanos, as canções, com que entremecem a *tarantélla*, teem alguma cousa, teem muito, teem tudo da sua vida e dos seus costumes.

Extremos na via *Boixa-mota*, fuzil estreito, repleto de sons, de gritos, de ruídos e pregões.

De ambos os lados da rua, fora das casas, estão as lojas cobertas de toldo, orladas de festões de murtha, brilhantes de mioltes reluzentes, e, em todo o lado das pernas de viúlla e carretiro pendem, dos cordões dos toldos, lenços que seccam ao sol, e fructas, que matizam pelas côres differentes os festões vendigantes e os lenços sanguinos dos pedaços de rezes mortas.

Por detrás das fructas, dos peixes, dos queijos penharados, do Sorrento, que teem a fôrma das saquetas dos antigos romanos, destaca a figura alegre, volúvel, e godicuada, da vendedora.

Sem descombinar o que está fazendo, sem coctar o fo da conversa, que vai dialogando, sem aliantar os olhos da fábrea da creança, que está pontuando, ou do *fambino*, que amamenta, lança em tres notas vivas e de vogues abertas, como o estalido de umas castanholas, o seu pregão, que vai misturando-se com mioltes de outros, condictar a vaga enorme de sons diversos. É uma mada de grude viva, animada e ruidosa, que tem ao sero larando numero como o do mar encapellado; é, no fundo das aguas, como o *Mediterraneo*, um mundo inteiro de outros seres inquietos, mais pequeninos, que passam atravez das pernas da bulhoça turta, ou rotam sobre as lollhas das hortaliças e legumes, que juncam as pedras; ... e brincam no claro escuro das vielhas, que dão respiradouro á rua, de pedra com o barro, o animal sympathico e activo dos napolitanos, ou o gão, o seu companheiro infeliz e mal comprehendido.

Agora vê-se a *tarantélla*. Aquelle primeiro socetto do lado dos homens, que dirige a dança, agita na destra um largo pandeiro *tabornino*, e corre-lhe na pelle de chibato, senora e framente, o dedo pellegar da mão esquerda. O segundo socetto com ambas as mãos enormes castanholas, *truda-jalloco*, que parecem duas frestas, fazendo rijo o nome *bigonno*. O terceiro socetto a cada vez fôlo de lallo, cuberto de pelle de viúlla, e com a destra introduzindo e tirando o orificio central da pelle uma cunha de gado, n'esta evocação, produz o som cavo de um enorme tabaco, ou o da rouca al-molejana. E o *copo-epo*. Os outros tres homens cantam, e as seis mulheres que dão a replica em passos de dança, sa-oltem acima das cabeças as castanholas *trudadas* com fitas de côco, e por vezes, em pontões engraçados, desalobram rapidamente faixas vistosas de seda, que parecem galhas letes de navio agitados pelas lizas do *Tyrrheno*.

Os passos e os gestos dos paços da *tarantélla*: as canções que têm a cadencia de um barro, que se balouca nas aguas; o ruido estridente do pandeiro, a voz cava da rouca, e o martella secco da *trudada* castanholas; tudo isto clamando segna da harmonica mandolina, do grave violão, e da rebeca sentimental, tudo isto, repito, que é mistura de canto e dança, e como a vida de Naples entre o apollo e as Appennino, uma grande comedia com tres actores.—o sol, a musica e o mar!
(Sorrento, 14 de Junho de 1863).

A TARANTELLA — Desenho original de RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

duj bordallo

JORNAL-MINIATURA



O pagemito, sentado,
De olhar profundo e risonho,
Parece estar enleado
Em vagas nuvens de um sonho.

O pagemito em que pensa ?
Meigas visões juvenis !
N'algumas formas gentis
De um quadro da Renascença.

Henrique Lopes de Mendonça.

Ao lado de tantos escriptores distinctos, nada pode o meu nome em favor de tão santa instituição. O obolo de quem é pobre pela intenção apenas vale. So eu ganho, porque, de envolta com os ricos de talento, participarei das benções dos innocentes.

António de Almeida

Se a epocha que vai correndo tantas creanças tem apagado, privando muitos do esteio da fé, seja-nos conforto, o remissão, a sublime caridade, que, nas suas multiphas formas, a todas as miserias procura acudir, e todos os infortunios busca suavisar.

François de Sousa Branco

D'antes o povo reputava-se nobilitado, quando se abeirava dos reis; hoje os reis sentem-se tanto maiores e mais dignos da ardua missão que lhes incumbe, quanto mais se aproximam do povo. A festa das Crêches é mais uma prova d'esta evolução salutar que vae transformando as sociedades modernas.

Christiano Góes

E pedem-me em oito linhas
Que eu conte singelamente
Todo este brado eloquente
Que se ergue pelas creancinhas.

Para isso fôra mister
Traçal-as pelo infinito;
E não teria descripto
O coração da mulher!

Jorge Teodoro

APHORISMO.— Para escrever
conciso é necessario escrever
por bitola.

João de Mendonça

Em duas virtudes tem de ha-
ser-se a sociedade nova:—

amor da familia e culto da pa-
tria; no primeiro ha a moral
que forma o cidadão, no segun-
do o heroismo que firma a na-
cionalidade. Para as evangelisar
o apostolo é a mulher, — e
o maior dos apóstolos, a mãe.

J. C. Rodrigues da Costa

A creança desamparada, sem
arrimo, sem familia, sem futu-
ro, tem ante si a escuridão do
abysmo. A caridade, que a en-
caminha, illumina-lhe a exis-
tencia; a crêche, que a ampara,
substitue a mãe, a familia.
Abençoadas sejam as esmolas
destinadas a esse fim!

Francisco de Almeida

Dar aos pobres é restituir-
lhes uma parte do seu patrimo-
nio, que os erros das gerações
lhes arrebataram. E' por isso
que, nas sociedades modernas,
a caridade deixou de estabele-
cer uma divida entre o benefei-
tor e o beneficiado.

Wenceslao Neves

As corças dos reis são, — co-
mo a do Christo! — acerbas co-
rças d'espinhos.

E quando os reis passam na
terra, entre a Caridade e o
Amor, — as suas corças trans-
formam-se depois lá nos céus
em luminosas corças d'estrel-
las!

Luiz Guilherme Góes

Flores, abrindo em corollas
de luz, alegraram o berço das
creanças. A crêche fez-se ninho,
e tiveram mães n'esse dia os
filhos da desventura.

O' mulheres, ó mães! quan-
to ha a esperar dos milagres do
vosso amor!

Porto.

João de Almeida

Quiz o artifice divino
Que a providencia, amorosa,
Dêsse o orvalho matutino
A toda a flor sequiosa;
E que, em quanto pequenino,

Sempre encontrasse o menino
No coração feminino
O que no orvalho acha a rosa.

Jorge Teodoro

NA CRÈCHE

O' vergontea gentil que te
embalas docemente á aragem
vivificadora das brisas da Com-
paixão: Se um dia, na exuber-
ancia da tua virilidade pujante,
quizeses perscrutar a mercê
providencial da seiva que te
robusteceu o sêr, pergunta á CA-
RIDADE quem te nutriu, interro-
ga a RAÍNSA quem te velou!
Porto.

Albano de Almeida

A crêche é o seio exuberante
onde os pequeninos mitigam as
primeiras sêdes.

Cada gota que deriva é uma
lagrima da commoção de Deus.
Deixai-os beber essas lagri-
mas.

Porto.

J. Guilherme Góes

Crêche! Que adoravel galli-
cismo!

Podêra! Um gallicismo de
um coração... de mãe!

Albano de Almeida

Do seio dos grandes cataclys-
mos sociaes surge sempre um
elemento muito mais extraordi-
nario, que os domina e vence.
— Dos dolorosos soluços da or-
phanidade e da miseria rompeu
a aurora festival da caridade,
envolta nos sorrisos d'um anjo,
que tem o nome de Maria Pia.
Aveiro — Abril de 1884.

François de Almeida

Dir-se-hia inspirado na hy-
giene das crêches o seguinte
proverbio persa:

«Casa em que o sol não entra
«Muito o medico a frequenta.»

J. Guilherme Góes

REGINA

Me quoque..... fortuna.....
Jactatam hac demum voluit consistere terra.
Non ignara mali, miseris succurrere disco.

Theresa de Castro

JUIZO FINAL

—Eu cantei, disse chorosa a cigarra.—Eu poupei, disse a ávida formiga. E Jehovah disse:—*Escondam-me n' um buraco do chão esta gôrda capitulista! dêem umas asas, e ponham triumphante ao sol, n' uma olatia em flôr, essa pallida cantadeira!*
Moralidade: *E' melhor consolar que enriquecer.*

M. Alves Artig

DUAS MÃES

Silvia — a opulenta — exclama ansiosamente:
—Oh Deus! fazei d'este menino airoso
O mais perfeito ser e o mais glorioso
Que haja creado vossa mão potente.

Martha — a engeitada — diz timidamente:
—Oh meu Senhor! O filho desditoso
De minha entranha dolorosa e ardente
Fazei humilde, pobre e generoso.

Luiz Guimarães

Com razão disse S. Antonio que mais valia um dinheiro tirado do pouco do que um thesouro tirado do muito. Tem muito que ver, na verdade, dar um pobre tudo que tem só pela satisfação de dar alguma cousa. E é bem que se saiba e se divulgue, escreveu o grande Bernardes, esta doutrina tam mal aceita do mundo: — que os pobres tambem hão de dar conforme podem.

S. Antonio

A CARIDADE

Dizem que é providencia, esmola, esp'rança, luz,
O mais brilhante sol da triste humanidade!
N'um suspiro d'amor, o Verbo de Jesus
Sagrou-a — flor do bem — chamou-lhe Caridade!

Coimbra — Abril de 84.

Olivera de Castro

A CRÈCHE

E' monumento, que bem vivo allude
A dois obreiros, filhos da verdade:
Traçado pelo mestre da virtude,
Erguido pelas mãos da caridade!

Ficou, pois, um conjuncto, um doce misto
Dos risos e reverberos divinos,
Que na frente e nos labios tinha o Christo,
Ao dizer: «Vinde a mim, oh pequeninos!»

Ulysses Vierge

O cerebro d'um paiz é a sua capital: Lisboa deu, no preterito, um mundo á civilisação. No começo do futuro seculo dar-lhe-ha um emporio commercial, um paraizo; será a maravilha do Occidente. As grandes obras municipaes, porto, pharoes, vias-ferreas, jardins, museus, movimento postal e maritimo, prenciam sua grandeza futura.

Justo commo signat L. D. de

A CRÈCHE

Berço d'affectos, escola de mães

O lar é todo affecto; alegria d'elle o filhinho que sorri. Sorriem benções no labor honesto, desde que, amparado o filho, a lida seja auxilia da assim.

Assim?!... Eil-o bem perto; é alli; por vós, em quanto a lida vos prende longe, do innocente cuidarão affectos.

J. M. de Castro

Porem elle a pobreza, a desolada
e triste esposa amou, a quem a terra
a porta das delicias tem cerrada.

Ella em sua orphandade geme e chora,
e por vezes á cruz tem já subido,
aos pés da qual Maria esteve outrora.

(Dante — Paraizo).

Henrique de Castro

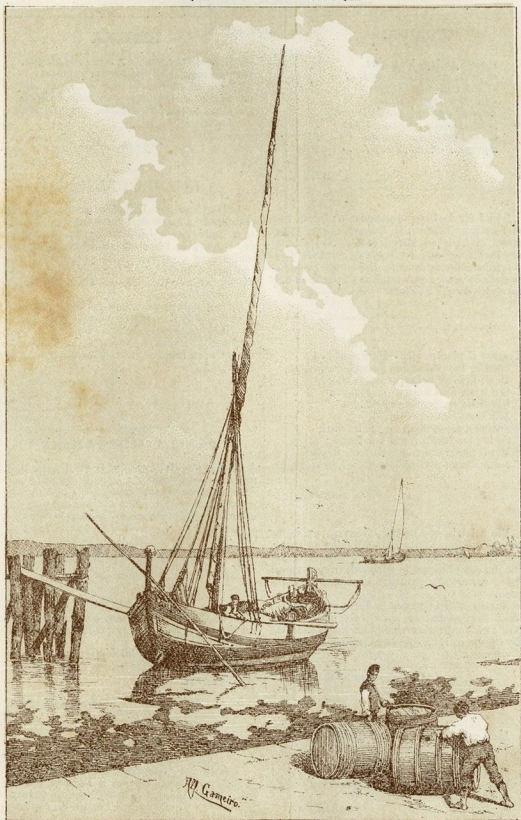
LISBOA-CRÈCHE



L. Manini

ARCHITECTURA — Desenho original de LUIGI MANINI

JORNAL-MINIATURA



NO POÇO DO BISPO — Desenho original de ALFREDO R. GAMEIRO

VOX DEI

«Quem podera ler a sina,
 «ó filha, que Deus te deu...
 «Ensina-me tu, ensina
 «a ventura mais divina,
 «que eu pedir possa, Deus meu...»
 N'isto assoma entre a cortina
 do seu berço a pequenina
 a gorgear «Mãã, sou eu...»

Fernando Cabral

São João de Deus, portuguez e plebeu, fundou os Hospitaleiros; D. Leonor, rainha portugueza, iniciou as Misericordias. São as duas mais brilhantes manifestações da caridade. Conservámo-nos intactas estas tradições; ahi estão hoje grandes e pequenos acudindo á porfia ao chamamento do que não tem.

Fernando Cabral

Tergere il pianto, alla sventura, al tutto
 Stender la mano, è tuo retaggio, Augusta:
 Degli infelici innocui pargoletti,
 Cui triste fato a tetra via segnava
 Fin dalla cuna, con gentile idea
 Alla festa benefica e' inviti.

Doniamo a piene mani: e tu che doni,
 Se la prece dell'orfano non basta,
 Mercè più grande, all' Augusta Regina,
 Domanda un fior, un guardo, ed un sorriso.

Fereal

Diz a lenda que se transformavam em flores as moedas que Santa Izabel, Rainha de Portugal, repartia pelos pobres. A Senhora D. Maria Pia, tambem Rainha de Portugal, transforma as flores em moedas para as creancinhas sem amparo.

Massillon dizia que estas flores semeadas na terra desabrochavam no ceu; e nós diremos que são tambem os verdadeiros diamantes da Corôa que as revoluções não podem destruir.

Coimbra.

Lygia de Almeida e Cabral

Abril envia á festa as suas rosas,
 As deusas os seus finos diademas,
 As aves e os poetas seus poemas,
 O sol o seu brilhante rosicler...
 Mas... pedrarias, cantos e grinaldas
 Quão pouco valeria á caridade,
 Se essa outra primavera — a mocidade...
 Não sorrisse d'uns lábios de mulher.

Maria de Fátima

REGINA

Os filhos de teu povo, em cantos de alegria,
 com tua régia mão, nos berços acalentas.
 Ah! possam elles sêr a geração que, um dia,
 nos braços seus ampare,— em nome de Maria,—
 aos filhos de teu filho o throno em que te sentas.

Fernando Cabral

A LUZ DA CARIDADE

As lagrimas das Heliades, as filhas do Sol, pranteando a morte de Phaetonte, converteram-se no ambar, onde foi descoberta a electricidade. Decorridos 26 seculos, a sciencia, como se confirmasse a poetica versão mythologica, supõe que a «electricidade deriva do Sol e é uma das formas d'energia, em que elle dá ao mundo o movimento e a vida!

Ha no mundo um outro sol mais radiante: chama-se elle a caridade, quando á similhaça do fluido electrico despreza o espaço e o tempo, e, transpondo todos os obstaculos, inunda no claro de seus raios os vastissimos campos da indigencia!

Virgíliu Cabral

O ASYLO, A CRÈCHE E A ESCOLA

A crèche! o asylo! a escola! O' magica trindade, que as creanças chamais, como as chamou Jesus! «Son ninho maternal!» diz o asylo á orphanidade; e á mãe que estende o filho a tremer de anciedade a crèche: «Eu sou o amor»; e a escola: «Eu sou a luz!»

Pedro de Castro

Se os abastados da fortuna pensassem a serio na desgraça humana, os pobres teriam tecto protector.

Intenta a sociedade de hoje minorar o infortunio, amparando já as tenras creancinhas.
 Bem haja!

Rafael de Almeida

A festa das creancinhas é a festa das mães.
 Brilhantissima será pois a Kermesse em que uma Rainha que é mãe festeja os seus pequeninos vassallos pobresinhos, dando-lhes o herço o conforto de que se viram ermos logo ao romper da sua aurora.

J. de Almeida

Antes da *crèche*, a beneficência tinha so duas portas para a infancia desvalida; por uma entravam os orphaos, pela outra os engeitados. Eram ambas estreitas e tristes!...

D. Maria Pia institue *crèches*; — a Misericordia seria obra sua, se o não fôra já d'outra rainha.

Teresa Lobo

A caridade veio do Céu para satisfação de Deos e alivio dos pobres. Os que praticam na Terra este sancto preceito são fieis executores da vontade divina.

Freitas Jacome

AS CREANCINHAS

Ao ver-se uma ceara ninguém affirmará se sai barata ou cara, ou que sementes dá.

Tambem nos pequeninos ninguém pode suppor se os risos contêm hymnos ou presagiam dor.

Francisca de Mello

Supponhamos que a humanidade se convença um dia que a arte, a sciencia, a philosophia, a religião, não são mais do que vaidades e illusões; ainda assim nunca o homem cessará de praticar o bem, porque é de todos os sonhos aquelle cuja recordação mais o consola na hora derradeira.

Helena Saenger

A CRECHE

Esta poetica e utilissima instituição, que nenhuma philosophia ousa condemnar, que todas as crencas religiosas sanctificam, ha de radicar-se na sociedade portugueza, porque brotou d'uma idea altamente civilisadora, moral e humanitaria.

Roberto Gonçalves

CRECENÇAS

Eil-a! a ardente CARIDADE
Que sobre a infancia derrama
Aquelle pródiga chamma
Do mais desvelado amor;

O seu sorriso celeste
Dissipa os negros horrores;
Surgeem mais vivas as flores
Ao seu olhar seductor.

Joaquim de Aguiar

D'antes a realeza em Portugal, se com uma das mãos estendia o obolo consolador, tinha com a outra de empunhar o gladio justiceiro. Hoje,— abençoado progresso! — já não empunha o gladio, e por isso bem se vê que tem para a caridade livres ambas as mãos.

Alfredo de Sá

Se é certo que a mão esquerda deve sempre ignorar o que dá a direita, façamos agora excepção a esse preceito, e concorrámos com ambas por igual para a festa que ás innocentes creancinhas dedica a solicita Associação das *Crèches*.

J. N. Soares

O pae jazia ali entrevado; a creanca chorava no berço; a mãe não podia sair para o trabalho.

Entrou um vulto formoso; olhou meigamente para o pae, abriu os braços para a creanca, e apontou a mãe o caminho da fabrica.

E a mãe perguntou-lhe, chorando: Quem es? — E o vulto respondeu-lhe, sorrindo: A Caridade.

Dr. Antonio da Costa

Mimos e caricias são, desde que ha mundo, o segundo leite das creancinhas. Amamenta-

se-lhes a alma com festas, como se lhes amamenta o corpo com leite.

Ainda antes da escola, que é o primeiro carcere, está para os pequeninos do povo a *crèche*, que é a primeira caricia.

Bem haja quem assim illumina com um sorriso, todo elle affecto, o limiar da vida do pobre!

Francisco de Sá

Segundo a mythologia grega, onde passasse uma divindade olympica, ficavam-lhe effluvios ambrosiacos denunciando o rasão. A Rainha D. Maria Pia tornou plausivel aquelle mytho; onde ella apparece, irradiam ineffaveis os perfumes da caridade.

Carolina Junqueira

Explicação e agradecimento

Quando para cada artigo dos colaboradores, que me conte a honra de convidar, ousei solicitar um prazo determinado e o limite maximo de 8 linhas (com 25 letras cada uma), tive em mira associar no estreito campo d'este jornal-miniatura o maior numero possivel de nomes notaveis. Alguns, olvidando a razão do meu pedido, alongaram-se na redacção de seus artigos; outros só tarde appareceram; d'aqui resultou que de muitos impossivel se tornou aproveitar a amavel collaboração. Sirva isto de explicação e desculpa. A todos agradeço pehoradissimo (tanto escriptores, como artistas e industrias, entre os quaes especializarei os nomes de Raphael Bordallo Pinheiro e Justino Guedes) a boa vontade com que me coadjuvaram no desimpêno d'esta missão, proporcionando-me o ensejo de poder beijar as mãos a Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Maria Pia, pela graca e mercê altissima que me fez de acceptar em beneficio das *Crèches* esta minha offerta.

O Editor

David Loupy

LISBOA-CRÈCHE



Avesinhas engeitadas
esvoaçavamos perdidas;
nossas lastimas sentidas
acolheu-as o Senhor.

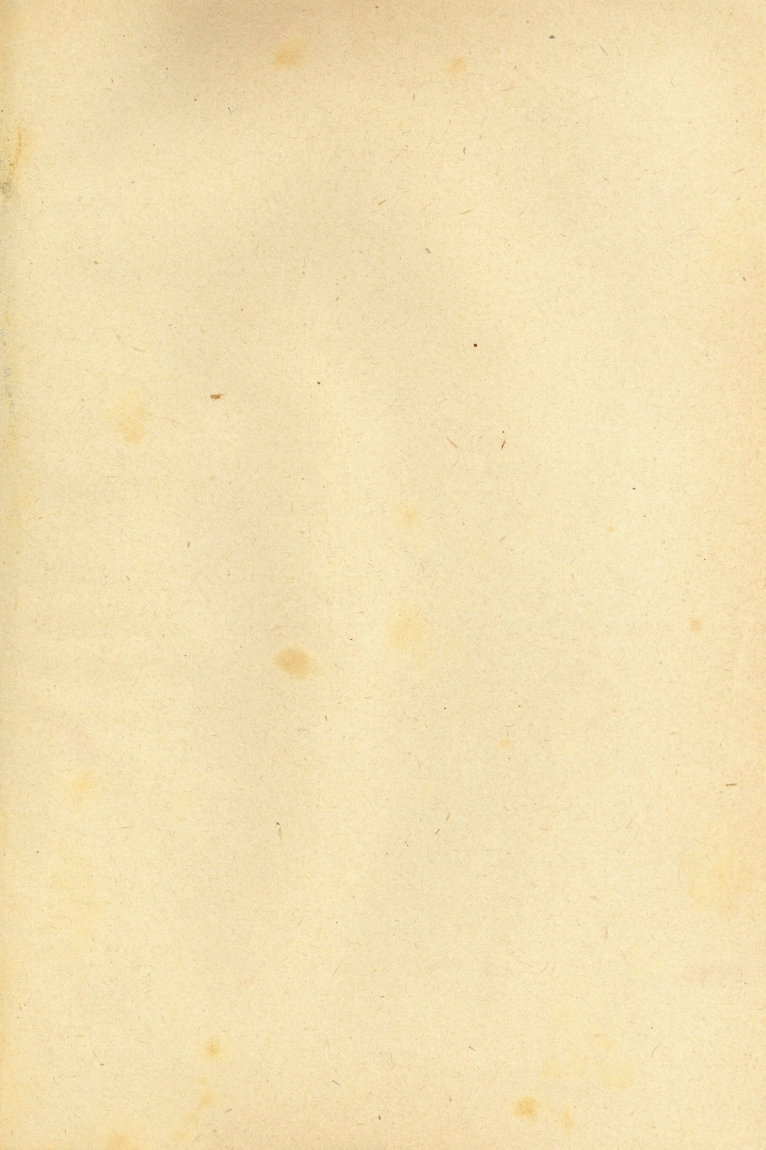
Caridade, oh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflicta
lar, sustento, ensino, amor!

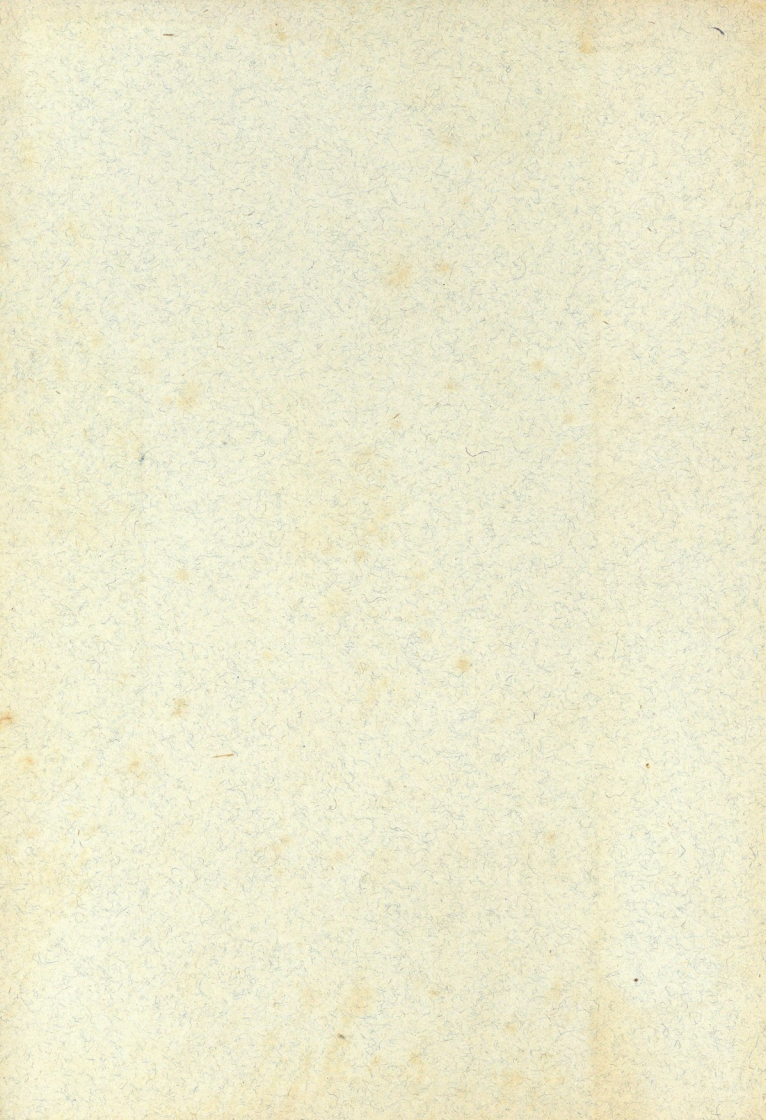
A. F. G. S. P. M. O.

M. Augusta Borballe Pinheiro



W. H. B. 1880





**MUSEU
RAFAEL
BORDALO
PINHEIRO**

BIB

RE